INTERFACE TECNOLÓGICA

TECNOLOGIA EM AGRONEGÓCIO
Interface Tecnológica · v. 23, n. 1, 2026 · p. 205–216
ISSN on-line 2447-0864 · ISSN impresso 1807-3980
https://doi.org/10.31510/infa.v23i1.2404

O MERCADO INTERNACIONAL DE AMÊNDOAS DE CACAU E A INSERÇÃO DO BRASIL NA CADEIA PRODUTIVA GLOBAL

The international cocoa bean market and Brazil's integration into the global production chain

Daltro Cella[1], **Paula Regina de Jesus Pinsetta Pavarina**[2]

AUTORIA

[1] **Daltro Cella**
Fatec Catanduva – SP – Brasil
daltro_cella@yahoo.com.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5656-9093

[2] **Paula Regina de Jesus Pinsetta Pavarina**
Unesp Franca – SP – Brasil
paula.pavarina@unesp.br
ORCID: 0000-0002-7341-4795

HISTÓRICO

Recebido	30/03/2026
Aceito	04/06/2026
Publicado	30/06/2026

COMO CITAR

CELLA, D.; PAVARINA, P. R. J. P. O mercado internacional de amêndoas de cacau e a inserção do brasil na cadeia produtiva global. **Interface Tecnológica**, Taquaritinga, v. 23, n. 1, p. 205-216, 2026. DOI: 10.31510/infa.v23i1.2404.

LICENÇA

Artigo de acesso aberto distribuído sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

cc BY 4.0

RESUMO

O comércio internacional de amêndoas de cacau atingiu US$ 18,7 bilhões em 2024, um aumento em dólares de 84,4% em relação ao ano de 2023, quando o comércio totalizou US$ 10,2 bilhões. Nos últimos cinco anos, o comércio de amêndoas cresceu a uma taxa anualizada de 15,5%. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a produção, o processamento e o comércio internacional de amêndoas de cacau, com ênfase na inserção do Brasil na cadeia produtiva global. A metodologia baseia-se em pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem quali-quantitativa, utilizando dados de fontes como IBGE, FAOSTAT, OEC, AGROSTAT, CEPLAC e ICCO. Os resultados evidenciam elevada concentração da produção mundial em poucos países, especialmente africanos, com destaque para a Costa do Marfim. O processamento e o comércio também são concentrados em grandes empresas e países com forte capacidade industrial. No Brasil, observa-se posição relevante na produção, porém com baixa competitividade no comércio internacional, caracterizada por exportações concentradas, dependência de importações e déficit comercial. Conclui-se que a cadeia do cacau apresenta assimetrias estruturais. O fortalecimento do setor no Brasil depende do aumento da produtividade, agregação de valor, diversificação de mercados e adoção de práticas sustentáveis.

Palavras-chave: Cacauicultura. Cadeia produtiva. Chocolate. Grãos de cacau.

ABSTRACT

International trade in cocoa beans reached US$18.7 billion in 2024, an 84.4% increase compared to 2023, when trade totaled US$10.2 billion. Over the last five years, cocoa bean trade has grown at an annualized rate of 15.5%. Therefore, the objective of this work is to analyze the production, processing, and international trade of cocoa beans, with an emphasis on Brazil's insertion in the global production chain. The methodology is based on bibliographic and documentary research, with a qualitative-quantitative approach, using data from sources such as IBGE, FAOSTAT, OEC, AGROSTAT, CEPLAC, and ICCO. The results show a high concentration of world production in a few countries, especially African ones, notably Ivory Coast. Processing and trade are also concentrated in large companies and countries with strong industrial capacity. In Brazil, a relevant position in production is observed, but with low competitiveness in international trade, characterized by concentrated exports, import dependence, and a trade deficit. It is concluded that the cocoa supply chain presents structural asymmetries. Strengthening the sector in Brazil depends on increasing productivity, adding value, diversifying markets, and adopting sustainable practices.

Keywords: Cocoa farming. Production chain. Chocolate. Cocoa beans.

1 INTRODUÇÃO

O cacau (*Theobroma cacao*) é uma cultura de origem tropical, nativa das regiões da América Latina, especialmente das bacias dos rios Amazonas e Orinoco, tendo sido historicamente utilizado por civilizações pré-colombianas, como maias e astecas, em práticas alimentares, econômicas e religiosas. Com a expansão marítima europeia a partir do século XVI, o cacau foi introduzido no mercado internacional, passando por transformações tecnológicas e culturais que resultaram na sua consolidação como matéria-prima essencial para a indústria do chocolate (IDEC, 2024).

Ao longo dos séculos, a produção de cacau expandiu-se para diferentes regiões tropicais do mundo, com destaque para países africanos e asiáticos, que atualmente concentram grande parte da oferta global. Essa dinâmica contribuiu para a formação de uma cadeia produtiva altamente globalizada e marcada por forte concentração geográfica, tanto na produção quanto no processamento e na comercialização. Nesse contexto, observa-se a existência de assimetrias estruturais entre países produtores de matéria-prima e aqueles que dominam as etapas de maior agregação de valor.

No Brasil, a cacauicultura possui relevância histórica e econômica, tendo se destacado, especialmente, durante o ciclo do cacau no sul da Bahia entre o final do século XIX e início do século XX. Apesar de sua importância, o setor enfrentou crises significativas, como a concorrência internacional e a disseminação de doenças, a exemplo da vassoura-de-bruxa (doença fúngica), que impactaram negativamente a produção nacional. Mais recentemente, verifica-se um processo de reconfiguração produtiva, com a expansão da cultura para a região Norte, sobretudo no estado do Pará, e a crescente valorização de sistemas sustentáveis e de produtos de maior qualidade (BRASIL, 2023).

Diante desse cenário, a cadeia produtiva do cacau assume importância estratégica, não apenas pelo seu papel econômico, mas também por suas implicações sociais e ambientais. A elevada concentração produtiva e industrial, associada à volatilidade dos preços internacionais e à baixa agregação de valor em países produtores, evidencia a necessidade de análises que contribuam para a compreensão das dinâmicas globais e das possibilidades de inserção mais competitiva.

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a produção, o processamento e o comércio internacional de amêndoas de cacau, com ênfase na inserção do Brasil na cadeia produtiva global. Especificamente, busca-se examinar a estrutura e a dinâmica dessa cadeia, identificar a distribuição geográfica da produção e avaliar o posicionamento brasileiro no comércio internacional, destacando desafios e oportunidades para o fortalecimento do setor.

2 A CACAUICULTURA NO BRASIL E NO MUNDO

2.1 A cadeia produtiva do cacau: estrutura, dinâmica e desafios

No cenário econômico global a cadeia produtiva do cacau é importante porque a amêndoa de cacau é uma das matérias-primas mais valorizadas pela indústria alimentícia para a fabricação do chocolate. No Brasil, a cacauicultura apresenta papel significativo na geração de renda, sobretudo em regiões como da Bahia e do Pará, contribuindo para o desenvolvimento regional e a sustentabilidade (SOUZA JÚNIOR, 2018).

A cadeia produtiva do cacau é composta por três grandes segmentos: produção, processamento e comercialização. A produção agrícola é realizada predominantemente por pequenos e médios produtores em regiões tropicais. Essa etapa de produção envolve atividades como plantio, manejo, colheita, fermentação e secagem das amêndoas, processos essenciais para a qualidade do produto. O cultivo do cacau exige condições específicas de clima, como alta umidade e temperaturas elevadas, além de solos férteis. No Brasil, destaca-se o sistema agroflorestal conhecido como "cabruca", no qual o cacau é cultivado sob a sombra de árvores nativas, contribuindo para a conservação da biodiversidade (CEPLAC, 2016).

A segunda etapa corresponde ao processamento industrial, no qual as amêndoas de cacau são transformadas em produtos intermediários, como massa de cacau, manteiga de cacau e pó de cacau. Esse processo envolve tecnologias específicas e é dominado por grandes empresas multinacionais, que exercem forte influência sobre os preços e a dinâmica do mercado global. A industrialização agrega valor ao produto, sendo etapa fundamental para a inserção competitiva nos mercados internacionais (ICCO, 2021).

No mundo as três maiores empresas moedoras de cacau (Barry Callebaut, Cargill e Olam Food Ingredients) respondem por 60% a 65% da capacidade mundial de processamento, seguindo um padrão oligopolizado típico de cadeias globais de commodities agroindustriais. A empresa Barry Callebaut é a líder global no processamento e moagem de cacau, com forte presença na Europa, África e Ásia. A Cargill também se destaca como uma das maiores processadoras globais de cacau e fornecedora de ingredientes para a indústria alimentícia. A Olam International é um importante player global na originação e moagem de cacau. A Blommer Chocolate Company é uma grande processadora na América do Norte. A Guan Chong Berhad tem papel relevante no mercado asiático de moagem. E, a Natra atua no processamento e produção de derivados. Além dessas empresas de moagem existem outras grandes do setor, que incluem a Nestlé, Mars, The Hershey Company, Puratos e Cémoi, que também possuem atividades de processamento e moagem dentro de suas cadeias produtivas (GLOBAL GROWTH INSIGHTS, 2026).

No Brasil, as principais empresas moageiras de cacau são a Barry Callebaut; a Cargill, a Olam International e a Indústria Brasileira de Cacau (IBC). Juntas essas empresas, segundo a Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC), respondem por cerca de 93% a 95% da compra e moagem de cacau no país, evidenciando um elevado grau de concentração industrial (AIPC, 2026).

A terceira etapa da cadeia produtiva refere-se à comercialização e distribuição, que engloba desde a exportação das amêndoas até a venda de produtos, como chocolates e derivados. O mercado do cacau é altamente globalizado e concentrado, com países africanos liderando a produção e países europeus e norte-americanos dominando o consumo e a industrialização (ICCO, 2021).

Atualmente, a cadeia produtiva do cacau enfrenta diversos desafios, destacando-se a volatilidade dos preços internacionais, a baixa remuneração dos produtores, a incidência de pragas e doenças (como a vassoura-de-bruxa) e as pressões ambientais decorrentes da expansão agrícola. Além disso, questões sociais, como o trabalho precário em algumas regiões produtoras, têm gerado preocupações no cenário internacional (FAO, 2020).

Em contrapartida, verifica-se o surgimento de novas tendências voltadas à promoção de maior sustentabilidade e equidade na cadeia produtiva. Iniciativas como certificações socioambientais, comércio justo (*fair trade*) e produção de cacau fino têm contribuído para a valorização do produto e para a melhoria das condições de vida dos produtores. No Brasil, destaca-se também o

crescimento do movimento *bean-to-bar*, no qual produtores e pequenas indústrias controlam todas as etapas da produção do chocolate, agregando valor e promovendo a rastreabilidade (SOUZA JÚNIOR, 2018).

2.2 A produção brasileira de amêndoas de cacau

Segundo dados da Produção Agrícola Municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PAM/IBGE), a cacauicultura no Brasil teve em 2024 uma área colhida de 617.168 hectares (ha), conforme a Tabela 1. O estado da BA teve a maior área colhida com 428.997 ha, seguido pelo PA com 163.405 ha. Juntos estes estados representaram aproximadamente 96% da área de cacau colhida no Brasil. Em terceiro lugar aparece o estado do ES com uma área colhida de 15.784 ha (2,6% da área colhida nacional); e, em quarto lugar RO com 6.870 ha (1,1% da área colhida). Portanto, a área colhida desses quatro maiores estados produtores é de 99,6% da área média colhida no Brasil para o ano de 2024 (IBGE, 2025).

Com relação a produção de cacau o Brasil produziu 297.509 toneladas (t) em 2024. O estado do PA foi o maior produtor nacional com 137.455 t (46,2%); seguido pela BA com uma produção de 137.028 t (46,1% do total nacional). Na sequência aparecem os estados do ES (12.166 t); e, RO (8.716 t). Somando as produções dos quatro maiores estados brasileiros chegou-se a 99,3% da produção nacional de amêndoas de cacau (Tabela 1).

Tabela 1 – Área colhida, produção, produtividade e valor da produção de amêndoas de cacau por estado brasileiro em 2024

Estados	Área colhida (hectares)	% por estado	% acum.	Produção (Ton.)	% por estado	% acum.	Prod. (kg/ha)	Valor da Produção (mil R$)	% por estado	% acum.
BA	428.997	69,511%	69,511%	137.028	46,1%	46,1%	319	6.518.915,00	42,71%	42,71%
PA	163.405	26,477%	95,987%	137.455	46,2%	92,3%	841	7.716.788,00	50,55%	93,26%
ES	15.784	2,557%	98,545%	12.166	4,1%	96,3%	771	543.076,00	3,56%	96,82%
RO	6.870	1,113%	99,658%	8.716	2,9%	99,3%	1269	408.600,00	2,68%	99,49%
AM	1.305	0,211%	99,869%	770	0,3%	99,5%	590	23.184,00	0,15%	99,65%
RR	272	0,044%	99,913%	662	0,2%	99,8%	2434	26.480,00	0,17%	99,82%
MT	229	0,037%	99,950%	152	0,1%	99,8%	664	5.773,00	0,04%	99,86%
MG	141	0,023%	99,973%	107	0,0%	99,8%	759	4.928,00	0,03%	99,89%
TO	99	0,016%	99,989%	297	0,1%	99,9%	3000	9.504,00	0,06%	99,95%
CE	62	0,010%	99,999%	149	0,1%	100,0%	2403	7.208,00	0,05%	99,9997%
AL	4	0,001%	100,000%	7	0,002%	100,0%	1750	42,00	0,0003%	100,00%
Total	**617.168**	**100%**	**-**	**297.509**	100,0%	-	**482***	**15.264.498,00**	100,00%	**-**

Fonte: IBGE (2026).

* Produtividade média nacional de amêndoas de cacau por hectare.

Apesar dos estados do PA e a BA liderarem a produção nacional de amêndoas de cacau, esses dois estados não apresentam as maiores produtividades. Atualmente, os estados do TO (3.000 kg/ha); RR (2.434 kg/ha); e, CE (2.403 kg/ha) lideram a produtividade nacional de amêndoas de cacau (Tabela 1). A elevada produtividade alcançada ocorre devido à combinação de tecnologia de irrigação de precisão, manejo técnico especializado e condições climáticas favoráveis, que reduzem a incidência de pragas e doenças (BRASIL, 2023).

A Tabela 1 apresenta ainda o valor da produção de amêndoas de cacau em 2024, com destaque para os estados de PA, BA, ES e RO, que somados, responderam por 99,49% do total nacional, equivalentes a aproximadamente 15,3 bilhões de reais dos quais 93,26% são originários dos estados do PA e da BA.

De acordo com a PAM/IBGE (2026), a produção de amêndoas de cacau por microrregião geográfica brasileira apresenta elevada concentração espacial. Destacam-se as microrregiões de Altamira (PA), com 31% da produção, Ilhéus-Itabuna (BA), com 28,7%, Valença (BA), com 7,4%, e Jequié (BA), com 6,2%, as quais, em conjunto, respondem por 73,3% do total produzido no país, evidenciando uma acentuada polarização produtiva. Esse padrão revela a dependência da cadeia cacaueira em poucos territórios, influenciada por fatores como condições edafoclimáticas, tradição produtiva e organização da atividade (IBGE, 2026).

Os estados de ES e de RO apresentam uma participação secundária, com destaque para as microrregiões de Linhares (ES) com 3,1% e de Ji-Paraná (RO) com 1,9%. As dez principais microrregiões produtoras de cacau concentram cerca de 90,7% da produção, enquanto as demais apresentam participações pouco expressivas, configurando uma estrutura com forte concentração e ampla dispersão de pequenas produções.

Portanto, do ponto de vista regional o PA é tido como polo emergente, e a Bahia, como região tradicional, além da participação secundária de estados como ES e RO. Esse cenário reflete tanto a herança histórica da cacauicultura quanto as transformações recentes associadas à expansão territorial e diversificação produtiva no Brasil (IBGE, 2026).

2.3 Produção mundial de amêndoas de cacau

A Tabela 2 evidencia a forte concentração da produção mundial de cacau em um número reduzido de países, com destaque para a liderança expressiva da Costa do Marfim, responsável por 36,19% da produção global. Em seguida, aparecem Indonésia (12,11%) e Gana (10,15%), que, somados ao líder, concentram 58,45% da produção mundial. Esse dado revela uma elevada dependência do mercado internacional em relação a poucos países, especialmente do continente africano, que domina amplamente a oferta global. Ainda no grupo dos principais produtores, países como Equador (7,73%), Nigéria (6,7%) e Camarões (6,13%) reforçam essa concentração, fazendo com que os seis primeiros colocados representem cerca de 79,01% da produção total.

Tabela 2 – Produção de amêndoas de cacau por país em 2024

Ordem	Países	Produção (toneladas)	% por país	% acumulado
1	Costa Marfim	1.890.442,0	36,19%	36,19%
2	Indonésia	632.702,0	12,11%	48,31%
3	Gana	530.000,0	10,15%	58,45%
4	Equador	403.698,8	7,73%	66,18%
5	Nigéria	350.000,0	6,70%	72,88%
6	Camarões	320.000,0	6,13%	79,01%
7	Brasil	297.509,0	5,70%	84,71%
8	Peru	157.252,5	3,01%	87,72%
9	Serra Leoa	93.749,6	1,79%	89,51%
10	Colômbia	67.678,0	1,30%	90,81%
11	Rep. Dominicana	57.461,0	1,10%	91,91%
12	Uganda	55.000,0	1,05%	92,96%
13	Rep. Dem. Congo	50.000,0	0,96%	93,92%
14	Papua N. Guiné	45.000,0	0,86%	94,78%
15	Índia	30.388,0	0,58%	95,36%
16	Demais países	242.314,7	4,64%	100,00%
-	**Total**	**5.223.195,6**	**100,00%**	-

Fonte: FAOSTAT (2026).

O Brasil, de acordo com a Tabela 2, ocupa a sétima posição, com 5,70% da produção mundial, indicando relevância no cenário global, embora distante dos líderes africanos. Outros países latino-americanos, como Peru, Colômbia e República Dominicana, apresentam participações menores, mas contribuem para a diversificação regional da produção. A partir da oitava posição, observa-se uma redução significativa na participação percentual, indicando uma estrutura produtiva concentrada em um número restrito de países. Tal configuração pode acarretar vulnerabilidades na oferta global, especialmente diante de eventos como crises climáticas, fitossanitárias ou instabilidades econômicas nas principais regiões produtoras.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi realizado com base em referências teóricas publicadas em periódicos científicos, boletins técnicos, meios eletrônicos e websites especializados, com o objetivo de sistematizar o conhecimento já produzido sobre a cacauicultura. Dessa forma, o trabalho apoia-se em um arcabouço teórico consolidado, permitindo também a ampliação das análises a partir de novos levantamentos de dados atualizados. Conforme Bervian, Cervo e Silva (2006), a pesquisa teórica busca descrever os fatos e compreender, com a maior precisão possível, os fenômenos e suas características.

Adicionalmente, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa quali-quantitativa, pois envolve a análise e interpretação de dados estatísticos relacionados à produção e ao mercado de cacau, articulados com abordagens teóricas. Segundo Schneider, Fujii e Corazza (2017), esse

tipo de abordagem permite integrar diferentes perspectivas analíticas, ampliando a compreensão dos fenômenos estudados a respeito da cacauicultura.

As informações qualitativas foram obtidas a partir de artigos científicos de autores como Gereffi (1999), Humphrey e Schmitz (2002), além de Souza Júnior (2018). Já os dados quantitativos foram coletados em fontes secundárias provenientes de bases nacionais e internacionais reconhecidas, como IBGE/PAM, FAOSTAT, GLOBAL GROWTH INSIGHTS, OEC, MAPA, CEPLAC, ICCO e IDEC, entre outras fontes especializadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo o Observatório da Complexidade Econômica (OEC) em 2024, o comércio global de amêndoas de cacau atingiu US$ 18,7 bilhões (Tabela 3), refletindo um aumento de 84,4% em relação a 2023, quando o comércio totalizou US$ 10,2 bilhões. Nos últimos cinco anos, o comércio nessa categoria cresceu a uma taxa anualizada de 15,5% (OEC, 2026).

A análise das dinâmicas globais e da inserção do Brasil nesse mercado permite compreender as assimetrias existentes na cadeia produtiva do cacau, evidenciando tanto as vulnerabilidades associadas à concentração geográfica quanto os desafios relacionados à competitividade e agregação de valor no comércio internacional.

4.1 O comércio internacional de amêndoas de cacau

Analisando a Tabela 3 observa-se uma elevada concentração tanto do lado das exportações quanto das importações de amêndoas de cacau em 2024, além de uma clara divisão geográfica entre países produtores e países processadores/consumidores. Há uma predominância de países africanos nas exportações, com destaque para a Costa do Marfim, responsável por 25,97% do total mundial, seguido por Equador (16,49%); Nigéria (11,74%); Gana (7,79%); Camarões (6,84%); e Peru (4,53%). Esses seis países concentram mais de 73,35% das exportações globais, evidenciando muita centralização da oferta de amêndoas de cacau. Essa concentração implica vulnerabilidade da oferta global, especialmente diante de riscos climáticos, fitossanitários ou instabilidades políticas nessas regiões.

Tabela 3 – Países exportadores e importadores de amêndoas de cacau em 2024

Países exportadores	Valores (USD)	% por país	% acumulado	Países importadores	Valores (USD)	% por país	% acumulado
1-Costa do Marfim	4.866.905.754,00	25,97%	25,97%	1-Países Baixos	3.976.045.686,00	21,21%	21,21%
2-Equador	3.090.770.944,00	16,49%	42,46%	2-Malásia	3.081.133.352,00	16,44%	37,65%
3-Nigéria	2.201.103.766,00	11,74%	54,20%	3-Alemanha	1.751.996.795,00	9,35%	47,00%
4-Gana	1.459.804.126,00	7,79%	61,99%	4-Bélgica	1.478.605.046,00	7,89%	54,89%
5-Camarões	1.281.305.705,00	6,84%	68,83%	5-Indonésia	1.240.271.189,00	6,62%	61,51%
6-Peru	848.347.860,00	4,53%	73,35%	6-Estados Unidos	1.136.697.922,00	6,06%	67,57%
7-Países Baixos	693.787.300,00	3,70%	77,06%	7-Singapura	702.886.797,00	3,75%	71,32%
8-Guiné	485.214.323,00	2,59%	79,64%	8-Canadá	651.090.075,00	3,47%	74,80%
9-Rep. Dominicana	447.600.407,00	2,39%	82,03%	9-França	576.537.558,00	3,08%	77,87%
10-Papua N. Guiné	353.896.022,00	1,89%	83,92%	10-Espanha	563.869.390,00	3,01%	80,88%
11-Rep. Democ. Congo	351.274.211,00	1,87%	85,79%	11-Itália	542.792.673,00	2,90%	83,78%
12-Uganda	328.706.179,00	1,75%	87,55%	12-Turquia	493.090.420,00	2,63%	86,41%
13-Bélgica	305.880.792,00	1,63%	89,18%	13-México	333.933.612,00	1,78%	88,19%
14-Estados Unidos	298.416.482,00	1,59%	90,77%	14-Suíça	271.841.301,00	1,45%	89,64%
15-Malásia	240.696.216,00	1,28%	92,06%	15-Reino Unido	230.836.819,00	1,23%	90,87%
16-Libéria	222.558.460,00	1,19%	93,24%	16-Japão	219.477.714,00	1,17%	92,04%
17-Serra Leoa	142.919.218,00	0,76%	94,01%	17-Índia	193.671.914,00	1,03%	93,08%
18-Togo	132.345.012,00	0,71%	94,71%	18-Estônia	170.094.587,00	0,91%	93,98%
19-Estônia	105.965.441,00	0,57%	95,28%	19-Áustria	149.134.256,00	0,80%	94,78%
20-Indonésia	103.088.160,00	0,55%	95,83%	20-Brasil	142.399.825,00	0,76%	95,54%
Demais países	781.846.798,00	4,17%	100,00%	Demais importadores	836.026.245,00	4,46%	100,00%
Total exportações	18.742.433.176,00	100,00%	-	Total importações	18.742.433.176,00	100,00%	-

Fonte: OEC (2026).

No lado das importações de amêndoas de cacau, o padrão também revela concentração, porém com características distintas. Os principais importadores são países com forte indústria de processamento e reexportação, como os Países Baixos (21,21%) e a Malásia (16,44%), seguidos pela Alemanha (9,35%); Bélgica (7,89%); Indonésia (6,62%); e, EUA (6,06%). Esses seis países somam aproximadamente 67,57% das importações globais, evidenciando a centralização do processamento industrial em poucos polos. Destaca-se a participação dos países europeus que dentre os vinte maiores importadores somam 50,12% das compras internacionais de amêndoas de cacau.

Um aspecto relevante da Tabela 3 é a sobreposição de alguns países nas duas listas, como Países Baixos, Bélgica, Estados Unidos e Malásia, o que indica a existência de fluxos de reexportação e cadeias produtivas globalizadas. Esses países importam amêndoas, agregam valor por meio do processamento industrial (produção de manteiga, pasta e chocolate) e, posteriormente, reexportam produtos derivados (ICCO, 2023).

Por fim, observa-se que os 20 principais países exportadores concentram cerca de 95,83% das exportações, enquanto os 20 principais importadores respondem por aproximadamente 95,54% das importações, confirmando uma estrutura altamente concentrada em ambos os lados do mercado, ou seja, enquanto países tropicais exportam matéria-prima, países industrializados dominam as etapas de maior valor agregado (ICCO, 2023).

4.2 O Brasil no mercado internacional de amêndoas de cacau

De acordo com as Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (AGROSTAT), apresentadas na Tabela 4, o comércio exterior brasileiro de amêndoas de cacau apresenta uma concentração em poucos mercados, com destaque para o Japão, que absorve 56,81% do valor total exportado. Em seguida aparecem os Países Baixos (26,33%) e a Indonésia (9,91%). Esses três países concentram mais de 93% das exportações brasileiras, evidenciando elevada dependência de mercados específicos. Tal padrão indica baixa diversificação comercial e maior vulnerabilidade a oscilações de demanda nesses destinos.

Por outro lado, a análise das importações na Tabela 4 revela uma dependência ainda mais acentuada de fornecedores externos, especialmente de países africanos. A Costa do Marfim responde sozinha por 76,54% do valor importado pelo Brasil, seguida por Gana, com 23,46%. O Peru apresenta uma participação residual em termos quantitativos, não alterando o padrão concentrado observado.

Um aspecto particularmente relevante é o expressivo desequilíbrio na balança comercial desse produto. Enquanto o Brasil exporta cerca de US$ 4,2 milhões, importa aproximadamente US$ 421,8 milhões, evidenciando um déficit significativo. Esse cenário reflete limitações da produção interna frente à demanda da indústria nacional de processamento, que necessita complementar sua oferta com matéria-prima externa. Tal dinâmica é característica de países que possuem parque industrial ativo, mas cuja produção agrícola não é suficiente para atender plenamente a demanda doméstica (HUMPHREY; SCHMITZ, 2002).

Tabela 4 – Exportações e importações brasileiras de amêndoas de cacau inteiro ou partido em 2025

Destino das exportações brasileiras	Valor (USD)	Peso (Kg)	% por país	% acum.	Origem das importações brasileiras	Valor (USD)	Peso (Kg)	% por país
1-Japão	2.413.149,00	203.016	56,81%	56,81%	1-Costa do Marfim	322.819.844,00	34.144.435	76,54%
2-Países Baixos	1.118.562,00	113.399	26,33%	83,14%	2-Gana	98.968.117,00	8.015.094	23,46%
3-Indonésia	420.920,00	40.080	9,91%	93,05%	3-Peru	241,00	22	0,0001%
4-França	151.777,00	10.947	3,57%	96,62%	Total	421.788.202,00	42.159.551	100,00%
5-Alemanha	62.668,00	3.388	1,48%	98,09%				
6-Bélgica	54.338,00	5.040	1,28%	99,37%				
7-Uruguai	22.700,00	1.170	0,53%	99,91%				
8-Suíça	1.417,00	239	0,033%	99,94%				
9-Estados Unidos	1.103,00	638	0,026%	99,97%				
10-Singapura	883,00	170	0,021%	99,988%				
11-Hong Kong	450,00	5	0,011%	99,999%				
12-Portugal	56,00	24	0,001%	100,000%				
Total	4.248.023,00	378.116	100,00%	-				

Fonte: AGROSTAT (2026).

Adicionalmente, a presença de países como Países Baixos e Bélgica entre os destinos das exportações indica que parte do cacau brasileiro é direcionada a centros de reprocessamento e redistribuição global. Esse padrão reforça a inserção do Brasil em cadeias globais de valor, nas quais a agregação de valor ocorre majoritariamente fora do país (GEREFFI, 1999).

Por meio do Plano Inova Cacau 2030, o Brasil busca ampliar a adoção de boas práticas nas etapas de colheita, pós-colheita e processamento, bem como promover a melhoria da qualidade das amêndoas, além de incentivar a certificação e a rastreabilidade da produção. Espera-se que essa iniciativa contribua para a expansão das exportações de cacau fino de aroma e seus derivados, favorecendo o alcance de superávits na balança comercial brasileira e fortalecendo o reconhecimento internacional da qualidade do cacau produzido no país (BRASIL, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidencia que a cadeia produtiva do cacau se configura como um sistema global complexo, altamente integrado e marcado por significativas assimetrias estruturais.

Os resultados obtidos indicam que a produção mundial de amêndoas de cacau encontra-se fortemente concentrada em um número reduzido de países, com predominância do continente africano. Essa concentração implica elevada dependência da oferta global em relação a poucas regiões, o que pode gerar vulnerabilidades diante de eventos climáticos, fitossanitários e instabilidades políticas. De forma semelhante, o processamento industrial e o comércio internacional também apresentam elevado grau de concentração, sendo dominados por grandes empresas multinacionais e por países que atuam como centros de transformação e reexportação. Tal configuração reforça a existência de cadeias globais de valor nas quais os países produtores, em sua maioria, permanecem restritos à exportação de matéria-prima, enquanto as etapas de maior valor agregado concentram-se em economias mais desenvolvidas.

No caso brasileiro, verifica-se uma posição intermediária na cadeia global do cacau e sua participação no comércio internacional de amêndoas ainda é limitada e caracterizada por forte concentração de mercados de destino. Ademais, observa-se um expressivo déficit na balança comercial desse produto, evidenciando a dependência de importações para suprir a demanda da indústria nacional de processamento. Esse cenário revela desafios estruturais relacionados à competitividade, à produtividade e à capacidade de agregação de valor no país.

Por outro lado, o estudo também evidencia importantes oportunidades para o fortalecimento da cacauicultura brasileira. A expansão da produção na região amazônica, especialmente no estado do Pará, aliada à adoção de sistemas produtivos sustentáveis, como os agroflorestais, aponta para um modelo de desenvolvimento que concilia eficiência econômica e conservação ambiental.

Nesse sentido, para que as iniciativas do Plano Inova Cacau 2030 se consolidem, torna-se fundamental a adoção de políticas públicas e estratégias privadas voltadas à ampliação da produtividade, à diversificação de mercados, ao fortalecimento da indústria nacional e à redução das desigualdades ao longo da cadeia.

Conclui-se que o fortalecimento da produção, aliado à agregação de valor e à inserção estratégica nas cadeias globais, é essencial para reduzir a dependência externa, ampliar a competitividade e promover um crescimento mais equilibrado e inclusivo do setor cacaueiro brasileiro.

REFERÊNCIAS

AGROSTAT – ESTATÍSTICAS DE COMÉRCIO EXTERIOR DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO. **AGROSTAT**. 2025.

AIPC – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS PROCESSADORAS DE CACAU. **AIPC**.

BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson, 2006.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **História do cacau e chocolate**. Brasília: MAPA, 2017.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. Secretaria de Inovação, Desenvolvimento Rural e Irrigação. Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. **Plano Inova Cacau 2030**: estratégias para fomentar o desenvolvimento sustentável das regiões produtoras de cacau no Brasil. Brasília, DF: MAPA/SDI/CEPLAC, 2023.

CEPLAC – COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA. **Sistemas de produção de cacau no Brasil**. Ilhéus: CEPLAC, 2016.

FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Cocoa market review**. Roma: FAO, 2020.

FAOSTAT – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Culturas e produtos pecuários**.

GEREFFI, G. International trade and industrial upgrading in the apparel commodity chain. **Journal of International Economics**, v. 48, n. 1, p. 37-70, 1999.

GLOBAL GROWTH INSIGHTS. **Tamanho, participação, crescimento e análise da indústria do mercado de cacau, por tipos (licor de cacau, manteiga de cacau, cacau em pó), por aplicações (confeitaria, cosméticos, outros), perspectivas regionais e previsão até 2035**.

HUMPHREY, J.; SCHMITZ, H. How does insertion in global value chains affect upgrading in industrial clusters? **Regional Studies**, v. 36, n. 9, p. 1017-1027, 2002.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal (PAM)**.

ICCO – INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION. **Quarterly Bulletin of Cocoa Statistics**. Abidjan: ICCO, 2021.

ICCO – INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION. **Quarterly Bulletin of Cocoa Statistics**. Londres, 2023.

ICCO – INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION. **Estatísticas**. 2026.

IDEC – INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. **Cacau**: a história e como a fruta se tornou chocolate. São Paulo, 2024.

OEC – OBSERVATÓRIO DA COMPLEXIDADE ECONÔMICA. **Exportadores e importadores**.

SCHNEIDER, E. M.; FUJII, R. A. X.; CORAZZA, M. J. Pesquisas quali-quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 569-584, dez. 2017.

SOUZA JÚNIOR, J. O. (org.). **Cacau**: cultivo, pesquisa e inovação. Ilhéus: Editus/UESC, 2018.

SÜDWIND INSTITUTE. **Strengthening the competitiveness of cocoa production and improving the income of cocoa producers**. Bonn, 2017.

Os conceitos e as opiniões expressos neste artigo são de responsabilidade exclusiva de seus autores.